



Expresso

Actual

21-07-2012

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Cultura

Dimensão: 381

Imagem: S/Cor

Página (s): 4



Mais do que o livro como obra de arte, "Tarefas Infinitas" conta a grandiosa história do livro e a história das suas metáforas

O livro infinito

Desde ontem e até ao dia 21 de outubro, o Museu Gulbenkian apresenta uma exposição comissariada por Paulo Pires do Vale que se intitula: "Tarefas Infinitas. Quando o Livro e a Arte Se Ilimitam". Não se trata apenas, nem sequer fundamentalmente, do livro como obra de arte. A exposição integra livros, pinturas, filmes, esculturas e instalações. Alguns exemplos: Jean-Luc Godard, pintura flamenga (uma Anunciação), Vieira da Silva, uma instalação de Rui Chafes composta por 40 caixas de ferro onde o escultor depositou os papéis queimados onde escrevera apontamentos e notas para os seus trabalhos, uma "biblioteca de suicidas", de Fernanda Fragateiro. Uma enorme va-

riedade de representações do livro e de obras que o tomam como referência deslocam esta exposição para uma dimensão muito mais conceptual, para que remete a ideia de "tarefas infinitas", que Husserl atribuiu à razão humana, na sua célebre conferência, em Viena, sobre a crise das ciências europeias (uma referência que dá também à exposição uma dimensão política). E essa tarefa infinita coincide bem com a grandiosa história do livro e a história das suas metáforas. Na verdade, o livro é um objeto tão poderoso que se tornou uma metáfora absoluta, bem patente em expressões como "o livro da Natureza" (descoberto pelo Renascimento) ou o "livro da História". Entre o conceito, a metáfora e o símbo-

lo, o livro prestou-se desde sempre, como se mostra nesta exposição, a representações que têm a ver com a tarefa infinita do conhecimento. E, evidentemente, a articulação entre a biblioteca e o museu (fazendo a exposição dialogar com o espaço e a instituição que a acolhe) é uma linha de força fundamental. Presenças irrecusáveis, figuras que pairam como invocações atravessam toda a exposição e constituem um centro de atração conceptual. Como exemplo cite-se o "Livro de Mallarmé" e o "Livro por Vir", de Maurice Blanchot.

António Guerreiro

